**DISCURSO DOS SEIS ETCÉTERAS E MAIS O SÍNODO**

Depois do acontecimento da Jornada Mundial da Juventude, em Portugal, parecia que um vento poderia ter modificado a igreja católica portuguesa, mas pelo que vejo e leio tal não está a acontecer, a “coisa” continua na mesma; às tantas pior, porque o encontro realizado que movimentou mais de um milhão e meio de pessoas, em Lisboa, tem sido pretexto para tentar movimentar jovens para os seminários, e não para os fazerem cidadãos da sociedade, claro retirando as mulheres/meninas que não o podem ser porque são consideradas de “menor condição humana”. É isto que está a acontecer, “domar” a juventude que se encontrou, imbuída da maior generosidade, e tentar convertê-la em mansos “cordeiros” podendo falar à vontade, desde a obediência aqueles tomados pelo poder da decisão sejam obedecidos. Então não é que um signatário da igreja – bispo - vem dizer que afinal a “sinodalidade” já existe! Imbuído num “saber tudo” e de que o seu “posto” na hierarquia da igreja dá para tudo, até para dizer asneiras, vem afirmar que os “Conselhos Económicos” e “Conselhos Pastorais” em cada comunidade, assim como “irmandades” e isso é que é a “sinodalidade”, juntamente com os seis etcéteras forjados numa “nota pastoral”, onde tenta chamar os jovens para uma vivência na sua “igreja sinodal”, ou seja, ele “manda” e os outros “obedecem”. Assim começou o sínodo católico em Portugal, e, certamente, em outros países.

Não estou a dizer e a difamar ninguém, só exponho a minha opinião que é diferente do “clericalismo” instalado nas comunidades, pretendendo formatar as mentes dos fiéis quanto ao que se entende por sinodalidade, é uma liberdade que me assiste como cristão, embora empurrado para uma estante de onde há tanto tempo não saio e, que se diga, muito me honra. De facto, não é da minha predileção ficar calado perante as atrocidades cometidas ao som duma qualquer “evangelização proselitista” ou dum ecumenismo “balofo”. Se me calasse, como é normal nos cristãos perante as chamadas “hierarquias”, estava a esconder uma faceta da minha vida – a verdade -, pois então punam-me se assim vos apraz, mas não deixo de escrever ou falar. Nós devemos ser como somos, sem “machucar” ninguém, antes por sermos verdadeiros e não escondermos o que pensamos.

Ora bem, nem a sinodalidade é um somatório das instituições, nem existem, que conheça organizações chamadas Etc. Etc.. Ser sinodal é uma atitude de conversão, de partilha, de oração e decisão do povo de Deus, donde sopra o Espírito do Senhor, não vale a pena dizer que uma qualquer reunião/decisão é do Espírito, mas noutras não é! A sinodalidade é ouvir ativamente, com humildade e aprendendo com aqueles/as com que menos esperamos, mesmo, tantas vezes, com quem se diz não-crente, certamente, como Bertrand Russel, que afirmava não ser cristão, e respeitaremos a sua opinião, como diz o seu livro “Porque não sou cristão?”, porque contribuiu para que nós os cristãos e as cristãs tomássemos consciência do que pregávamos com atos e sem omissões. Estamos nuns tempos que temos de aprender a ser sinodais e não a repetir erros passados num “clericalismo” sem limites. A humildade do clero tem de ser determinante para uma atuação em que no centro esteja o Amor de Cristo e a substância da sua crucificação e ressurreição.

E gostaria de concluir este despretensioso texto de opinião dizendo não compreender como se igualam as conferências de São Vicente de Paulo, os lares sociais da igreja, os grupos de jovens existentes, que tão fortes foram na sua ação na Jornada Mundial da Juventude em Lisboa, e tantas organizações da igreja, a uma exortação pastoral onde se referem algumas destas organizações da igreja a um etc.etc, e são seis etcéteras, palavra que nenhum dicionário português possui. É necessário ter consideração por todas as organizações da igreja e não as meter em alguns etc. etc. Isso não é sinodal! Ao caminharmos assim destruímos o esforço do sínodo.

Joaquim Armindo

Diácono da Diocese do Porto, Portugal

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental